

Simulacros de universidade



Por ALIPIO DESOUZA FILHO*

A falsa dicotomia que assola o ensino superior: de um lado, a transformação em empresa; de outro, a descolonização que vira culto à ignorância seletiva

As universidades brasileiras – embora não apenas elas – atravessam um processo acelerado de deturpação de sua missão histórica. Instituições que, na tradição ocidental, constituíram-se como espaços de preservação e renovação do patrimônio racional, crítico e humanista afastam-se, hoje, cada vez mais, desse horizonte.

Em seu lugar, proliferam estruturas híbridas que mantêm apenas a aparência de universidade, enquanto abdicam das exigências intelectuais que a definiram por séculos. Tornam-se simulacros que se legitimam como se fossem avanço, quando representam retrocesso mascarado de virtude.

Universidade do capital

A primeira forma desse simulacro emerge da submissão progressiva à lógica do capital e do capitalismo. Pressionadas por métricas produtivistas, financiamentos condicionados, avaliações tecnocráticas e expectativas de “empregabilidade imediata”, as universidades estão funcionando como empresas.

O conhecimento deixa de ser um fim em si mesmo e converte-se em insumo; cursos são moldados por demandas mercadológicas; a pesquisa é orientada por indicadores e editais; o ensino volta-se para competências operacionais.

A promessa (que, na tradição ocidental, chamamos “iluminista”; alguns têm horror ao termo!) da formação integral do indivíduo – intelectual, ética e política – cede espaço a currículos utilitaristas e discursos de “eficiência”. O trabalho docente transforma-se em prestação de serviços e estudantes passam a ser tratados como “clientes”.

As universidades tornam-se verdadeiras usinas de certificações, cujo objetivo é responder a demandas econômicas imediatas. Vende-se essa capitulação como se fosse modernização inevitável, quando não passa de uma rendição mascarada de inovação. Nesse modelo, a universidade deixa de contribuir para a construção de sociedades democráticas e esclarecidas.

A universidade da opção pela ignorância

A segunda forma de simulacro vem de uma reação simétrica, igualmente empobrecedora: a tendência, hoje difundida, de negar o legado intelectual acumulado pela tradição ocidental sob o rótulo de “pensamento colonial eurocêntrico”.

Sob o pretexto de “descolonizar” a universidade, defende-se o abandono puro e simples do estudo de filósofos, cientistas e correntes que moldaram, por séculos, o horizonte do conhecimento moderno; e não apenas para o (mal-afamado) Ocidente.

a terra é redonda

Em certos círculos universitários, tornou-se quase uma virtude alardear ignorância seletiva, como se desconhecer a tradição fosse uma modalidade de coragem moral.

A crítica à “colonialidade do saber” é legítima quando busca fazer conhecer perspectivas historicamente ignoradas. O que se vê, porém, com frequência crescente, é outra coisa: a demonização indiscriminada de autores sem os conhecer, a recusa do estudo rigoroso, a substituição da análise baseada em conhecimento teórico-filosófico-científico pela militância superficial por ideias mal fundamentadas.

Pretende-se renovar o pensamento eliminando justamente aquilo que permite pensar - a memória intelectual da humanidade. Mas não há produção de conhecimento novo que não se apoie no conhecimento anterior; não há originalidade sem tradição; não há crítica séria sem estudo profundo.

O resultado é uma universidade que, em nome da “justiça epistemológica” (uma formulação imprópria em seus próprios termos), dissolve o fundamento que torna possível a vida acadêmica: o compromisso com o rigor, a racionalidade e a continuidade do pensamento.

Assim, ao lutar contra suposto colonialismo e imperialismo na ciência e no pensamento, parte da academia universitária termina por colonizar-se a si mesma com slogans, certezas fáceis e uma autoconfiança que cresce na razão inversa de sua erudição.

Não se construirá um futuro emancipador, seja para o pensamento e a ciência, seja para a sociedade, edificando-o sobre o terreno das imposições dos interesses momentâneos do capital e do capitalismo, ou sobre o terreno do improviso, da impostura intelectual, da simplificação grosseira das ideias científicas e filosóficas e, sobretudo, da imposição de “pautas” à universidade que a deturpam de sua histórica missão.

***Alípio DeSousa Filho**, cientista social, é professor e diretor do Instituto Humanitas da UFRN. Autor, entre outros livros, de *O menosprezo ao Brasil mestiço e popular* (Paco Editorial). [<https://amzn.to/4rKjQAn>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA